

Ben Harper
encerra sua
turnê brasileira

PÁGINA 3



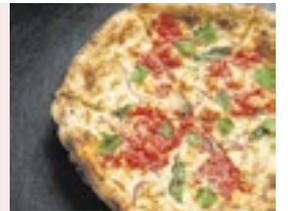
Musical 'Mamma
Mia!' reestrea no
Teatro Riachuelo

PÁGINA 6



Onde provar a
Scampi, a deliciosa
pizza de camarão

PÁGINA 15



2º CADERNO

EDIÇÃO DE FIM DE SEMANA



Divulgação

Velha guarda à cubana

Com músicos do projeto original e novos integrantes, Buena Vista Social Orchestra celebra o legado do Buena Vista Social Club em turnê internacional que chega ao Rio nesta sexta

Por **Affonso Nunes**

A Buena Vista Social Orchestra se apresenta neste feriado de sexta-feira (18) no Circo Voador. O grupo reúne músicos cubanos contemporâneos e integrantes originais do Buena Vista Social Club, sob a regência do maestro e trombonista Jesús "Aguaje" Ramos. O espetáculo, com ingressos rapidamente

esgotados, faz parte da turnê internacional que o grupo realiza em 2025. Após apresentações no Brasil, incluindo datas em Recife, Salvador e São Paulo, a orquestra segue para os Estados Unidos, onde tem agenda confirmada entre agosto e outubro em cidades como Kansas City, Seattle e Las Vegas.

A turnê celebra o legado do Buena Vista Social Club, projeto que alcançou reconhecimento mundial com o álbum homônimo lançado em 1997. Produzido por Ry Cooder e Juan de Marcos González, o disco reuniu

veteranos da música tradicional cubana e inspirou o documentário dirigido por Wim Wenders, indicado ao Oscar em 2000. O sucesso global consolidou o nome Buena Vista como referência em gêneros da ilha caribenha como son, bolero e danzón.

A formação atual conta com uma orquestra de dez músicos, incluindo os também ex-integrantes do Buena Vista Social Club Luis "Betun" Mariano Valiente Marin (congas, bongô), Emilio Senon Morales Ruiz (piano) e Fabian Garcia (baixo).

No repertório, clássicos da música cubana como "Chan Chan", "Dos Gardenias" e "El Cuarto de Tula" são revisitados com arranjos que mantêm a identidade sonora do grupo que conquistou merecido reconhecimento internacional.

SERVIÇO

BUENA VISTA SOCIAL ORCHESTRA
Circo Voador (Rua dos Arcos s/nº - Lapa) | 18/4, a partir das 20h (abertura dos portões) | Ingressos esgotados

Por Affonso Nunes

Nesta sexta-feira (18) o palco do Blue Note Rio se abre para a experimentação e o improviso na estreia do espetáculo “Diversidade Rítmica Brasileira”, encontro entre o mestre da percussão Robertinho Silva e o multi-instrumentista Edu Toledo. O show inédito propõe uma travessia sonora que une tradição, improviso e a pulsação viva da música brasileira e internacional.

Nome fundamental na história da música brasileira, Robertinho Silva é uma lenda da bateria. Nascido no Rio de Janeiro, foi ainda jovem que começou a explorar tambores e ritmos, e não demorou a se destacar como um dos mais inventivos e técnicos percussionistas do país. Nos anos 1970, integrou o grupo Som Imaginário, acompanhando Milton Nascimento em turnês e gravações fundamentais para a consolidação do Clube da Esquina. A partir daí, passou a ser requisitado por grandes nomes da música brasileira e internacional. No Brasil, tocou com Elis Regina, Gal Costa, Gilberto Gil, João Donato e João Bosco. No exterior, dividiu palcos e estúdios com mestres como Wayne Shorter, Ron Carter, George Duke e Sarah Vaughan.

A sonoridade de Robertinho é

Um Brasil de improvisos

Robertinho Silva e Edu Toledo estreiam o espetáculo ‘Diversidade Rítmica Brasileira’, uma celebração às sonoridades do país e do mundo



Divulgação

Mestre do improviso, Robertinho Silva passeia pela diversidade rítmica brasileira, algo único no mundo, em show com o multi-instrumentista Edu Toledo

marcada por uma fusão única entre os ritmos tradicionais do Brasil — como o samba, o maracatu, o jongo e o baião — e a linguagem sofisticada do jazz contemporâneo. Sua

percussão tem assinatura própria: melódica, espiritual e arrebatadora. Em sua obra, a batida brasileira se entrelaça com influências da África, do Oriente Médio, da Ásia e da

música erudita europeia. Robertinho é, acima de tudo, um contador de histórias através dos sons.

Ao seu lado no palco, Edu Toledo assume o papel de parceiro

União de virtuosos

Clarinetista Andreas Ottensamer e violonista Milos Karadaglic se apresentam no Municipal

Por Cláudia Chaves

Especial para o Correio da Manhã

Nesta sexta-feira (18) o Theatro Municipal recebe mais um encontro da série Concertos Internacionais Dellarte. A atração é o recital do duo formado pelo clarinetista austríaco Andreas Ottensamer e o violonista montenegrino Milos Karadaglic,

dois virtuosos que unem talentos num concerto que percorre séculos de música, com uma interpretação sensível e tecnicamente impecável.

O programa propõe uma verdadeira viagem sonora, com obras de grandes mestres como John Dowland, Arcangelo Corelli, Franz Schubert, Johannes Brahms, Erik Satie, Sergei Ra-



Divulgação

Andreas Ottensamer e Milos Karadaglic

chmaninoff, Heitor Villa-Lobos, Isaac Albéniz e Astor Piazzolla.

Ottensamer é um dos clarinetistas mais renomados da atualidade. Desde cedo, An-

dreas mostrou-se um prodígio, iniciando os estudos de piano, violoncelo e clarinete ainda em criança. Ganhou reconhecimento mundial ao tornar-se clarine-

criativo e inquieto experimentador. Compositor e instrumentista versátil, reconhecido por trilhas sonoras para novelas e minisséries, ele alterna entre piano, sanfona, violão de sete cordas, bandolim e escaleta. Sua formação transita entre o popular e o erudito, e seu trabalho se apoia na busca por conexões entre diferentes linguagens musicais.

No espetáculo, a criação acontece ao vivo, em diálogo constante entre os músicos e os instrumentos. O repertório traça um percurso que revisita sonoridades da América Latina — com passagens pelo Chile, Argentina, Peru e Caribe —, incorpora elementos das culturas indígenas e reverbera influências do jazz, da música africana e do Oriente. Tudo converge para uma celebração da brasilidade em sua forma mais ampla e mestiça, com sambas, baiões, choros e maracatus.

Robertinho promete ao público uma experiência sensorial, uma mergulho em paisagens musicais vivas onde cada nota nasce no momento e carrega a marca da ancestralidade e da liberdade criativa.

SERVIÇO

ROBERTINHO SILVA & EDU TOLEDO - DIVERSIDADE RÍTMICA BRASILEIRA
Blue Note Rio (Av. Atlântica, 1910 – Copacabana)
18/4, às 20h
Ingressos a partir de R\$ 60

tista principal da renomada Orquestra Filarmônica de Berlim.

Karadaglic começou a tocar violão aos oito anos. Desde cedo, revelou sensibilidade musical, destacando-se como jovem talento. Aos 17 anos, mudou-se para Londres para estudar na Royal Academy of Music — momento em que a sua carreira deu um salto notável.

SERVIÇO

ANDREAS OTTENSAMER & MILOS KARADAGLIC
Theatro Municipal (Praça Floriano, s/nº – Cinelândia)
18/4, às 18h
Ingressos entre R\$ 120 e R\$ 3,6 mil

Acervo pessoal



Amigos de longa data, Ben Harper e Donavon Frankenreiter fazem dois shows completos no encerramento da turnê conjunta dos dois artistas no Brasil

Música e ativismo em dose dupla

Ben Harper encerra turnê brasileira com apresentação neste sábado no Qualistage. O parceiro e velho amigo Donavon Frankenreiter abre a noite

Por Affonso Nunes

Boas ondas trouxeram ao Brasil o cantor e compositor Ben Harper, que encerra seu giro pelo país neste sábado (19), no palco do Qualistage, com a turnê de seu álbum mais recente, “Wide Open Light” (2023). O show de abertura será de Donavon Frankenreiter, ami-

go de longa data de Harper e colaborador em diversos projetos. A amizade e a troca artística entre os dois é antiga.

Com 18 álbuns de estúdio lançados e mais de 16 milhões de discos vendidos em todo o mundo, Ben Harper é um dos artistas mais apreciados pelos praticantes e admiradores do surf, assim como Jack Johnson e o próprio Donavon. Harper é reconheci-

do mundialmente por sua habilidade de transitar entre vários gêneros, como pop, reggae, soul, blues, rock, funk e folk. Seu mais recente trabalho mantém o tom pessoal e político que o caracteriza, sendo acompanhado de perto por fãs e críticos que celebram sua obra cheia de ativismo social e autenticidade. Entre seus maiores sucessos, destacam-se faixas como “Steal My Kisses”, “Burn

One Down”, “Waiting on an Angel”, “Diamonds on the Inside” e “With My Own Two Hands”.

Além da carreira solo, Harper colaborou com artistas como Mavis Staples, Natalie Maines, Tom Morello, Taj Mahal, Rickie Lee Jones, e outros, enquanto também divide o palco com grandes nomes como Pearl Jam, Paul McCartney e Bruce Springsteen. Acompanhado dos músicos do The Inno-

cent Criminals — Oliver Charles (bateria), Alex Painter (guitarra), Darwin Johnson (baixo) e Chris Joyner (teclado) —, ele promete entreter o público com suas novas criações sem deixar de lado seus maiores sucessos.

Por sua vez, Donavon Frankenreiter, cantor, compositor e surfista premiado, traz ao Brasil a turnê de seu mais recente álbum, “Get Outta Your Mind”, lançado no ano passado. Este disco comemora os 20 anos de seu álbum de estreia e inclui uma sonoridade mais ampla, com influências de música americana, gospel e country. A colaboração com Ben Harper em uma das faixas do álbum (“Never Too Late”) reflete a amizade entre os dois, que se traduz também em uma troca criativa no palco.

Frankenreiter é conhecido por seu estilo descontraído, suas letras filosóficas e sua entrega energética e emocionante. Natural da Califórnia e radicado no Havaí, ele conquistou o público com uma mistura única de grooves calmos e momentos de grande energia.

Sobre a sua volta ao Brasil, comentou: “Estamos muito animados em voltar ao Brasil, com um novo álbum, e um amigo incrível, que é Ben Harper, que colaborou em uma música do novo álbum. Espero que tenhamos a chance de pegar algumas ondas no Brasil. Mal podemos esperar para tocar novamente em um dos meus lugares favoritos em todo o mundo. E, claro, não vejo a hora de voltar às churrascarias e às caipirinhas!”

SERVIÇO

BEN HARPER & THE INNOCENT CRIMINALS (Abertura de Donavon Frankenreiter)

Qualistage (Via Parque Shopping - Avenida Ayrton Senna, 3.000 - Barra da Tijuca)

19/4, a partir das 18 (abertura da casa)

Ingressos: Pista - R\$ 340 e R\$ 170 (meia) | Camarote A - R\$ 680 e R\$ 340 (meia) | Camarote B - R\$ 620 e R\$ 310 (meia)

Um álbum 'amarrado' com o público

Johnny Hooker celebra os 10 anos de aclamado disco de estreia neste sábado

Por Affonso Nunes

Johnny Hooker dá início à turnê comemorativa de 10 anos do álbum de estreia, "Eu Vou Fazer Uma Macumba Pra Te Amarar, Maldito", com apresentação no Circo Voador neste sábado (19). O show revisita o trabalho lançado em 2015, que será executado na íntegra. A abertura da noite fica por conta do multi-instrumentista Ciel.

Este trabalho do artista pernambucano chamou atenção por reunir elementos de



Carlos Salles/Divulgação

Johnny Hooker: carinho dos fãs pelo disco ainda ecoa

MPB, pop, brega e ritmos nordestinos, em canções com letras marcadas por temas íntimos e afetivos. Entre as faixas que ganharam

projeção estão "Amor Marginal", "Alma Sebosa", "Volta" e "Desbunde Geral".

"O carinho do público por esse álbum

segue firme até hoje. É interessante perceber como as músicas continuam ressoando, como no caso de 'Alma Sebosa', que voltou a ser trilha de novela. Isso mostra que o disco permanece presente na memória das pessoas", anima-se Hooker.

Johnny Hooker é um dos artistas mais inovadores e representativos da novíssima MPB. O cantor e compositor se destacou por sua mistura única e por explorar temas como identidade, afetividade e questões sociais, sendo uma voz importante no movimento de reinvenção do brega. Ele sobe ao palco acompanhado por sua banda para apresentar o repertório completo do disco, em um novo formato de show pensado para esta turnê.

Ciel Santos, artista da cena musical pernambucana, abre a noite com um set autoral que incorpora ritmos latinos e eletrônicos a elementos do forró e do brega.

SERVIÇO

JOHNNY HOOKER — 10 ANOS DE 'EU VOU FAZER UMA MACUMBA PRA TE AMARRAR, MALDITO'

Circo Voador (Rua dos Arcos s/nº - Lapa) | 19/4, a partir das 20h (abertura dos portões) | Ingressos: R\$ 160 e R\$ 80 (meia)

ROTEIRO MUSICAL

POR AFFONSO NUNES

Divulgação



Lendas do rock

O Scorpions, um dos maiores grupos do rock mundial, volta ao Rio em apresentação única nesta segunda (21), feriado de Tiradentes, no palco do Qualistage. Com mais de seis décadas de estrada, a banda formada por Klaus Meine, Rudolf Schenker e Matthias Jabs ajudou a moldar o heavy metal e segue influente, atravessando gerações com clássicos como "Wind of Change", "No One Like You" e "Rock You Like a Hurricane".

Marcela Polido/Divulgação



Blues de Chicago

Lorenzo Thompson, destaques do blues internacional, é a atração deste fim de semana no projeto Domingos Musicais, do Blue Note Rio. Com carisma e presença de palco marcante, o cantor norte-americano traz ao Brasil uma apresentação que mergulha no universo do Chicago Blues, com interpretações vibrantes de clássicos do gênero e composições autorais que farão parte de seu novo álbum.

Felipe Panfili/Divulgação



Pop abolerado

A cantora e atriz Tânia Alves estreia neste sábado (19), no Teatro Rival Petróbras, o espetáculo "Bolero Pop". O show é resultado de uma parceria de quase 30 anos com o multi-instrumentista e arranjador Eugênio Dale. O projeto surgiu do desejo de Tânia de explorar o universo pop, e a fusão com o bolero foi uma ideia do músico. Completam a banda Israel Schottz (baixo) e Di Steffano (percussão).

Divulgação



Belo na Maré

Nesta sexta (18), as 23h, o Complexo da Maré recebe Belo como atração principal do evento gratuito Conexões Urbanas, considerado o maior circuito de shows gratuitos em favelas do Brasil. Poucos dias antes de completar 51 anos, o cantor promete um show marcante, recheado de emoção e sucessos que atravessam gerações. No setlist, estão garantidas músicas como "Perfume", "Tua Boca", "Derê" e "Reinventar".

Vem
viver
mais.

vem
viver
sesc RJ

+experiências
+cidadania
+diversão
+cultura
+educação
+saúde
+sabor
+inclusão
+diversidade

A maior marca de
bem-estar social do
Rio de Janeiro.

Sempre buscando promover
o desenvolvimento social e a
qualidade de vida, o Sesc RJ
oferece atividades e serviços
para você viver experiências
inesquecíveis com mais
diversão, cultura, esporte,
cidadania, educação e saúde.

DEM SABER +



sescrj.org.br

sescrj

portalsescrj

sescrj





A montagem brasileira de 'Mamma Mia!', sucesso mundial do teatro musical, segue fielmente o espetáculo original

Por Cláudia Chaves

Especial para o Correio da Manhã

O seu legado continua vivo através de musicais, filmes e milhões de fãs em todo o planeta. musical "Mamma Mia!", um verdadeiro fenômeno global, continua a conquistar plateias ao redor do mundo. Inspirado no vasto repertório de sucessos da banda sueca ABBA, o espetáculo se consolidou como um marco do teatro musical, sendo traduzido para mais de 14 idiomas e assistido por mais de 42 milhões de espectadores em diversos países.

A nova versão brasileira do musical, assinada por Charles Möeller & Claudio Botelho, reafirma esse sucesso, reunindo um elenco de peso e alcançando marca expressiva de público desde sua estreia em 2023.

Agora, com patrocínio da Prio, a versão brasileira reestrea nesta sexta-feira (18) no Teatro Riachuelo. A montagem brasileira, realização da produtora Aventura, de Aniela Jordan e Luiz Calainho, atende aos inúmeros pedidos do público, com sessões extras já con-

E a festa continua

Musical 'Mamma Mia!' reestrea no Teatro Riachuelo em nova temporada com direção de Charles Möeller, elenco estelar e os sucessos inesquecíveis do ABBA

firmadas até o dia 11 de maio.

Com uma encenação original e não uma cópia da montagem estrangeira, a produção traz um novo olhar ao clássico, com direção, cenografia e figurinos assinados por Charles Möeller. A ambientação da ilha grega é marcada por um estudo profundo de tonalidades de azul e casas brancas recortadas, criando um visual que transporta o espectador diretamente para o Mediterrâneo. A direção de arte, retomada com intensidade por Charles após a pandemia, é um dos destaques des-

sa montagem.

O elenco reúne grandes nomes do teatro musical brasileiro: Cláudia Netto (Donna Sheridan), Totia Meireles (Tanya), Gottsha (Rosie), Maria Brasil (Sophie Sheridan), Eduardo Borelli (Sky), Sérgio Menezes (Sam Carmichael), André Dias (Harry Bright), Renato Rabelo (Bill Austin), Giovanna Rangel (Ali), Marianna Alexandre (Lisa), Vicenthe Delgado (Pimenta), Murilo Armacolli (Eddie), Fabrício Negri (Grego / Padre Alexandrios), Leonam Moraes (Grego), Fegab

(Grega), Martina Blink (Grega), Roberto Justino (Grego), Gabriel Querino (ensemble), Isabela Yunes (Grega), Amaury Soares (Grego), Sara Chaves (Grega), Thiago Garça (Grego), Karine Bonifácio (Grega), Vinícius Cosant (Swing), Andreina Szoboszlai (Swing).

O retorno de "Mamma Mia!" à cena carioca é uma celebração da vida, da música e da emoção que o teatro é capaz de proporcionar. Um espetáculo que encanta diferentes gerações e mostra que, mesmo após tantos anos, a magia do ABBA

continua mais viva do que nunca. Para quem deseja mergulhar nessa história cheia de humor, amor e grandes canções, esta é a hora.

Mamma Mia é pura energia, engraçado e divertido, agradando todas as idades. Um dos motivos do seu sucesso é que o espetáculo não tenta ser mais do que entretenimento popular. A junção de comédia com músicas pop icônicas cresce nas vozes das talentosas Gottsha e Maria Brasil. Ao embarcar numa viagem nostálgica ao som dos seus sucessos, a história açucarada com as músicas do ABBA inteligentemente integradas à história escrita por Catherine Johnson. Final feliz e pura diversão.

SERVIÇO

MAMMA MIA!

Teatro Riachuelo (Rua do Passeio, 38 - Cinelândia)
Até 11/5, quarta a sexta (20h), sábados (16h e 20h) e domingos (19h) | Datas extras: 23/4 (16h), 1/5 (16h), 18/4 (16h)
27/4 (15h), 4/5 (15h) e 21/4 (16h)

Ingressos entre R\$ 75 e R\$ 375,00 (meia) e R\$ 220 e R\$ 110 (meia)

CRÍTICA / TEATRO / TODO MUNDO VAI MORRER

A única verdade

Por Cláudia Chaves

Especial para o Correio da Manhã

Desde crianças, em todas as culturas, sempre surgem narrativas baseadas no whodunit (corruptela de “quem fez isso”). Seja na vida real ou na ficção, descobrir “quem matou” é um elemento mobilizador. O “quem matou Odete Roitman” ainda é o grande atrativo de “Vale Tudo”. “Todo Mundo Vai Morrer”, do Coletivo Circular, que aproveita os espaços do MAM, combina comédia e suspense de forma inovadora.

Inspirada na técnica de Agatha Christie — na qual a trama se desenvolve num círculo restrito — “Todo Mundo Vai Morrer”, texto de Camilo Pellegrini com direção de Breno Sanches, apresenta-se, à primeira vista, como um suspense. Na verdade, o que vemos é, primeiramente, qual a fonte de interesse que cada personagem tem por uma pessoa específica. Essa é a brilhante solução: a mesma figura pode ser odiada e/ou amada por diferentes razões, sempre dependendo do olhar de quem vê. A dramaturgia bem construída já nos conduz diretamente aos temas.



Lucas Belchior/Divulgação

A montagem itinerante aproveita os espaços do MAM

A direção para os personagens estereotipados conta com interpretações de um elenco equilibrado — Bianca Corrêa, Camilo Pellegrini, Carolina Panneitz, Elton Castro, Hugo Souza, Junio Duarte, Malu Costa, Marina Dib, Nathalia Murat e Wesley May

— que responde muito bem ao que lhes é proposto.

Um procedimento bastante interessante e pouco usual, justamente por ser difícil: o texto foi desenvolvido com base nas características de cada ator, permitindo que cada um

se sinta totalmente integrado ao texto, aos movimentos corporais, ao figurino. Isso cria uma ótima conexão com o público. Assim, a interatividade só cresce e o jogo se torna ainda mais envolvente.

O convite à participação do público começa já com a proposta do ingresso consciente, que evolui para um pequeno drinque inserido no contexto. A itinerância com o grupo de pessoas que se repete permite o cruzamento de temas como desejo, choque de classes, sexualidade, vício, separação, ódio, questões familiares, fracassos, traição e crime. Tudo isso ganha força no cenário de concreto cinzento do prédio do MAM. A tristeza e a morte tornam-se, assim, elementos de alegria ao se assistir a um espetáculo inteligente, criativo e muito bem encenado.

SERVIÇO

TODO MUNDO VAI MORRER

Museu de Arte Moderna (Av. Infante Dom Henrique, 85 - Parque do Flamengo)

Até 27/4, sábados e domingos (18h)

Contribuição consciente: valor sugerido a partir de R\$ 20

NA RIBALTA

POR CLÁUDIA CHAVES

O mal atemporal

“Yago – Luz da Maldade”, em cartaz no Teatro Glauce Rocha, é baseada em “Otelo”. A adaptação, direção e atuação são de Bruce de Araujo, com supervisão de Miwa Yanagizawa. A peça foca no invejoso Iago, cuja astúcia semeia desconfiança e destruição. Fazendo um paralelo com o mundo atual, onde as mentiras continuam a influenciar nossas vidas, Bruce não vê grandes diferenças entre a época do texto shakesperiano e os dias de hoje em que lidamos com intolerâncias de vários tipos.

Divulgação



Divulgação



Salve São Jorge

Na próxima quarta-feira, dia 23, às 16h, na Praça da Harmonia (Gamboa), a ópera popular “Saga de Jorge” será encenada pela Companhia Brasileira de Mistérios e Novidade. Inspirada na tradição alagoana do Guerreiro, a apresentação será precedida por um cortejo festivo que parte do MUHCAB. Trata-se de uma celebração vibrante da cultura popular brasileira, com brincantes multicoloridos que mantêm vivas as raízes simbólicas e a resistência cultural. O evento é gratuito e contará com tradução em Libras, integrando o Calendário Cultural da Companhia.

Victor Novaes/Divulgação



De volta ao Rio

“Tom na Fazenda” retorna ao Rio para uma curta temporada no Teatro Adolpho Bloch até o dia 30. Sucesso de público e crítica desde a estreia, em 2017, o espetáculo já foi visto por mais de 80 mil pessoas em mais de 450 sessões. Ao longo desses sete anos, consolidou-se como um dos marcos do teatro brasileiro contemporâneo. A adaptação do texto do canadense Michel Marc Bouchard para os palcos brasileiros tem assinatura de Armando Babaioff, que traduziu e protagoniza a obra, e de Rodrigo Portella, responsável pela direção.

ÓPERA**A VIÚVA ALEGRE**

*A famosa opereta de Franz Lehár ganha nova montagem brasileira. Até 27/4. Theatro Municipal (Praça Floriano s/nº). Entre R\$ 20 R\$ 90

SHOW**TRIBUTO A JAMES TAYLOR**

*O pianista Cecelo Frony e banda celebram o repertório do ídolo folk relembrando canções inesquecíveis de quem viveu os anos 1970. Sex (18), às 22h30. Blue Note Rio 9Av. Atlântica, 1910). A partir de R\$ 60

NANDO GUIMARÃES

*O cantor interpreta os grandes sucessos de Frank Sinatra. Sáb (19), às 20h. Hotel Vila Galé (Rua do Riachuelo 124). R\$ 30

ORQUESTRA SINFÔNICA BRASILEIRA

*Sob a regência do maestro Guilherme Mannis, a OSB executa a obra "A Onça, os Guinés e os Cachorros", de Clóvis Pereira, inspirado em argumento de Ariano Suassuna. Dom (19h), às 11h. Teatro Carlos Gomes (Praça Tiradentes s/nº). R\$ 10 e R\$ 5 (meia)

POPCAST

*A banda presta tributo a Phil Collins e ao Genesis com hits do início ao fim. Sáb (19), às 22h30. Blue Note Rio 9Av. Atlântica, 1910 - Copacabana). A partir de R\$ 60

HUMOR**DESFAZENDO IDEIAS**

*Cria da Pavuna, o humorista Felipe Ferreira compartilha com o público suas experiências e desafios de ser um artista nascido e criado na periferia. Sáb (19), às 19h. Centro Cultural Moral da História (Rua Maurício da Costa Faria, 593 - Recreio dos Bandeirantes). A partir de R\$ 30

TEATRO**LADY TEMPESTADE**

*Monólogo com Andréa Beltrão mergulha no diário de advogada penambucana que se dedicou a salvar presos políticos na ditadura militar. Até 27/4, qui a sab (20h) e dom (19h). Teatro Poeira (R. S. João Batista, 104, Botafogo). R\$ 120 e R\$ 60 (meia)



A Viúva Alegre

Um Rio de opções de lazer

Confira atrações culturais em todas as regiões da cidade

SUGESTÕES PARA SEXTOU@CORREIODAMANHA.NET.BR

Wagner Gusmão



A Falecida

TAMBÉM QUERIA TE DIZER

*Neste monólogo Emílio Orciollo Neto encarna, em primeira pessoa, experiências e descobertas de diversos homens, a partir de sete cartas - seis delas retiradas do best-seller "Tudo Que Eu Queria Te Dizer", de Martha Medeiros. Até 27/4, sex e sáb (20h30) e dom (19h). Teatro Domingos Oliveira (Planetário da Gávea - Av. Padre Leonel Franca 240). R\$ 50 e R\$ 25 (meia)

DIAS FELIZES

*Montagem do texto de Samuel Beckett examina, com ironia cortante, a frágil fronteira entre a alegria e o desespero. Até 17/4, qui e sáb (19h30) e dom (19h). Espaço Armazém (Fundição Progresso - Rua dos Arcos, 24, Lapa). R\$ 80 e R\$ 40 (meia)

Divulgação

**Orquestra Sinfônica Brasileira**

Affonso Da Lua/Divulgação

**À Vinhad'alhos**

Divulgação

**Felipe Ferreira****VIOLETA PARRA EM DEZ CANTOS**

✦ Espetáculo com direção de Luiz Antônio Rocha e atuação de Rose Germano, resgata a história da multiartista chilena. Até 25/4, qui e sex (20h). Teatro Glaucio Gill (Praça Cardeal Arcoverde, s/nº, Copacabana). R\$ 60 e R\$ 30 (meia)

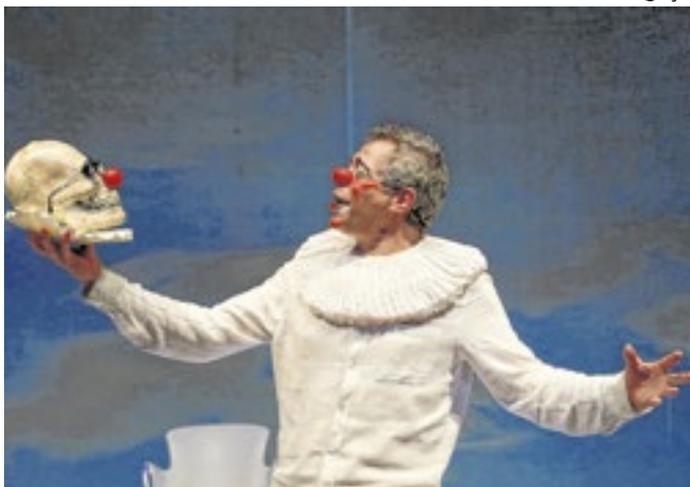
MORTE E VIDA SEVERINA

✦ Com direção de Luiz Fernando Lobo, direção musical de Itamar Assié, cenografia de J.C. Serroni e figurinos de Beth Filipecki e Renaldo Machado, o espetáculo da Cia. Ensaio Aberto reúne um coletivo de 24 atores e atrizes e quatro músicos nesta adaptação do poema de João Cabral de Melo Neto. Até 19/4, sáb, dom e seg (20h). Armazém da Utopia (Av. Rodrigues Alves, 299, Armazém 6, Gambôa). R\$ 60 e R\$ 30

Josélia Frasão/Divulgação

**Jornada de um Herói**

Luiz Doroneto/Divulgação

**A Cabeça de Yorick****SIDARTA**

✦ Espetáculo inspirado na obra de Hermann Hesse, Nobel de Literatura, que narra, de forma ficcional, uma viagem que o próprio autor realizou na juventude, abarcando temas de valor existencial. Até 27/4, qui a sáb (20h) e dom (19h). Teatro Poeirinha (R. S. João Batista, 104, Botafogo) R\$ 80 e R\$ 40 (meia)

PALAVRAS

✦ Espetáculo com Tuca Moraes e direção de Luiz Fernando Lobo baseado na obra de Clarice Lispector. A atriz se deixa conduzir pelo pulsar de palavras, de frases, de memórias, de sentimentos, pensamentos, acumuladas uns sobre os outros. Até 25/4, qui (19h). Armazém da Utopia (Av. Rodrigues Alves, 299, Armazém 6, Gambôa). R\$ 50 e R\$ 25

A JORNADA DE UM HERÓI

✦ Montagem da Companhia Atores da Fábrica, da Baixada Fluminense, mostra a saga de José, trabalhador desempregado que enfrenta diversos dissabores, levando ao público questões urgentes em nossa sociedade como racismo estrutural, precarização do trabalho e desigualdades sociais. Até 30/4, ter e qua (19h). Centro Cultural da Justiça Federal (Av. Rio Branco, 241 - Centro). R\$ 40 e R\$ 20 (meia)

COBRAS, LAGARTOS E MINHOCAS

✦ Os episódios mais insólitos da vida de um homem dão vida ao solo escrito e interpretado por Álvaro Menezes, com direção de Cesar Augusto. Até 21/4, de qua a sáb (19h), dom (18h) e seg (19h). Teatro III - Centro Cultural Banco do Brasil Rio de Janeiro (Rua Pimeiro de Março, 66 - Centro). R\$ 30 e R\$ 15 (meia)

À VINHAD'ALHOS

✦ Três irmãos com visões diferentes de mundo debatem o que fazer com a casa onde foram criados, a única herança deixada por sua mãe. Até 26/4, de qui a sáb (19h). Teatro Correios Léa Garcia (Rua Visconde de Itaboraí, 20 - Centro). Grátis

A FALECIDA

✦ Camila Morgado dá vida à Zulmira, personagem central de uma das tragédias mais emblemáticas de Nelson Rodrigues. Até 4/5, qui e sex (19h) e sáb e dom (18h). Teatro Nelson Rodrigues (Av. República do Paraguai, 230 - Centro). Entre R\$ 15 e R\$ 40

A CABEÇA DE YORICK

✦ Brincando com os dilemas hamletianos da existência, o espetáculo do grupo Parlapatões convida o público a revisitar suas escolhas e a encarar os desafios cotidianos. Até 20/4, qui a dom (20h30). Sesc Copacabana (Rua Domingos Ferreira, 160). R\$ 30, R\$ 15 (meia) e R\$ 10 (associados Sesc)

SENHOR DIRETOR

✦ Adaptação teatral do conto homônimo de Lygia Fagundes Telles. No monólogo, Analu Prestes interpreta a personagem Maria Emília, uma senhora paulistana de costumes conservadores que decide escrever à direção de um jornal que estampava uma manchete escandalosa. Até 23/4, ter e qua (20h). Teatro Poeira (R. S. João Batista, 104, Botafogo). R\$ 100 e R\$ 50 (meia)

Um Rio de opções de lazer

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA ANTERIOR

EXPOSIÇÃO

ONÃ OMIN

*Caio Truci propõe um diálogo entre passado e presente ao retratar em suas telas as figuras dos orixás do candomblé sob diferentes perspectivas, conectando a ancestralidade afrobrasileira ao mundo contemporâneo. Até 20/4, ter a dom (13h às 22h). Casa de Cultura Laura Alvim (Av. Vieira Souto, 176 - Ipanema). Grátis

NATUREZA FANTÁSTICA

*A individual da artista plástica Patrícia Fairon propõe um mergulho em paisagens que transitam entre o real e o onírico, revelando a natureza em sua complexidade. Até 7/6, de ter a sáb (12h às 19h). Centro Cultural Correios RJ 9Rua Visconde de Itaboraí, 20 - Centro). Grátis

FAZER O AR

*A artista plástica mineira Iole de Freitas apresenta na cidade sua mais recente produção: 16 obras inéditas que exploram a interação existente entre volume e ar. Até 11/5, de ter a dom (12h às 18h). Paço Imperial (Praça XV, 48 - Centro). Grátis

ROTA DO CHÁ

*Exposição conta a rica história do chá, desde a China milenar até os dias de hoje. Até ago/25, qui a ter (10h às 17h). Casa Pacheco Leão (Rua Jardim Botânico, 1008). Grátis

ÁGUAS DA AMAZÔNIA

*A artista Ana Luiza Varella apresenta nesta individual obras que exploram o fenômeno do encontro das águas do rio e do oceano e seus mistérios. Até 30/5, seg a qui (13h às 19h) e sex (12h às 18h). Galeria de Arte IBEU (Rua Maria Angélica, 168 - Jardim Botânico). Grátis

ENTRE A TERRA E

A ETERNIDADE

*Coletiva reúne trabalhos de 10 artistas mulheres indígenas que evocam memórias coletivas, resistência cultural e os transformação que atravessam gerações de seus povos. Até 26/4, ter a sex (11h às 18h) e sáb (13h às 18h). Espaço Cultural Correios Niterói (Av. Visc. do Rio Branco, 481). Grátis

Thaysa Lota/Divulgação



Solaninho



Sônia Góes

Era Uma Vez

ERA UMA VEZ

*Coletiva explora a memória e o esquecimento a partir de intervenções artísticas sobre registros fotográficos. Até 4/5, qua a sáb (17h às 22h) e dom (13h às 21h). Galeria Ponto G (Rua Benjamin Constant, 117, Glória). Grátis

FANTÁSTICO FEMININO

*A ceramista Rosana Pereira, do Vale do Jequitinhonha (MG), apresenta individual de suas esculturas de barro com criaturas meio-gente meio-bicho em situações cotidianas. Até 18/5, ter a sex (10h às 18h), sáb, dom e fer 11h às 17h). Sala do Artista Popular (Rua do Catete, 179). Grátis

Amanda Mello/Divulgação



Pequeníssimas Mãos

Divulgação



Natureza Fantástica

INFANTIL

A MENINA E O CUBO

*Garota tem que lidar com o medo do desconhecido, a insegurança diante de perdas e a superação de limites pessoais. De 5 a 27/4, sáb e dom (16h). Casa de Cultura Laura Alvim (Av. Vieira Souto, 176, Ipanema). R\$ 60 e R\$ 30 (meia)

SOLANINHO

*Uma viagem onírica ao passado regada pela poesia de Solano Trindade. Até 18/5, sáb e dom (16h). Sesc Tijuca (Rua Barão de Mesquita, nº 539). R\$ 20, R\$ 10 (meia), R\$ 5 (associado Sesc) e grátis (PCG)

PEQUENÍSSIMAS MÃOS

*Os visitantes desta atividade vão ouvir uma história cantada e depois brincar de encaixe com muitas cores e texturas. Dom (19), às 11h. Atelier Educativo do CCBB RJ (Rua Primeiro de Março, 66 - Centro). Grátis

O FANTÁSTICO MISTÉRIO DE FEIURINHA

*Cinderela, Branca de Neve, Rapunzel e Chapeuzinho Vermelho embarcam numa jornada para desvendar o desaparecimento de Feiurinha, uma princesa quase esquecida. Até 27/4, sáb e dom (16h). Teatro dos 4 (Shopping da Gávea - Rua Marquês de São Vicente, 52). R\$ 90 e R\$ 45 (meia).

Barbaridade é perder

Bertrand Mandico

Liff/Divulgação



Divulgação

'Les Garçons Sauvages', de Bertrand Mandico, é destaque na programação da Cinemateca do MAM

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Ao encerrar as filmagens de "Roma Elástica", com três das maiores estrelas da Europa (Marion Cotillard, Alba Rohrwacher e Jasmine Trinca), Bertrand Mandico deve passar a um patamar de maior destaque (e de mais acolhimento) aos olhos do mercado exibidor da França, sua pátria natal, mas não espera perder sua aura de maldito. Faz misturas de gêneros (tipo western com fantasia) como "After Blue (Paraíso Imundo)", que lhe deu o Prêmio da Crítica no Festival de Locarno (na Suíça) e o Prêmio Especial do Júri em Sitges (na Espanha).

Essas mesclas muito locas asseguraram prestígio a essa "entidade" da cultura audiovisual. Mandico se define como não binário, mas é indiferente quando chamado por vocábulos masculinos, ou por expressões como "senhor", sem cobrar o uso da linguagem neutra. Brinca que se vê como "atriz", uma vez que

a performance é a sua prática de criação, condensada em experimentos de artes visuais. Ele virou uma das vozes autorais de maior eco na cena audiovisual europeia depois que um de seus longas, "Os Garotos Selvagens" ("Les Garçons Sauvages"), encabeçou a lista dos melhores filmes de 2017 da "Cahiers du Cinéma". Nunca lançada comercialmente em circuito brasileiro, essa iguaria será projetada hoje no Rio de Janeiro, na Cinemateca do Museu de Arte Moderna (MAM-RJ), às 18h, na seção Inéditos Contemporâneos. Mostras em Bruxelas, em Vilnius e na Sicília a cobriram de prêmios.

Xodó da "Cahiers" (uma bíblia para a cultura fílmica), a obra explicitamente queer de Mandico, carregada de erotismo em seu debate sobre o desejo, virou cult. Galgou o reconhecimento de que precisava há dois anos, quando seu longa mais recente, "Conann" (2023), foi convocado para a Quinzena de Cineastas do Festival de Cannes. Nele, muda o sexo do bárbaro celebrizado por

Ao trazer para o Rio o cultuado 'Os Garotos Selvagens', a Cinemateca do MAM aproxima o público brasileiro da obra de um estandarte não binário da cultura audiovisual queer

Arnold Schwarzenegger.

"É da força das mulheres que a gente precisa para mudar uma realidade autoritária que tentou cessar o acesso à liberdade que todo ser vivente tem. Regras morais não podem limitar um processo criativo, tampouco imposições biológicas



ou sociais", disse Mandico ao Correio da Manhã, numa entrevista em Locarno, ainda badalado por "Os Garotos Selvagens".

Essa imperdível atração do MAM se passa no início dos anos 1900, quando cinco adolescentes de famílias ricas são enviados em um cruzeiro repressivo após assassinar seu professor. Liderados por um capitão violento, eles chegam a uma estranha ilha com vegetação exuberante e sobrenatural. Lá, uma mudança vai acontecer com essa patota. Detalhe: o elenco principal é todo de mulheres, encarnado arquetipos masculinos.

"Qualquer padrão imposto pode ser quebrado em prol da livre expressão", diz Mandico ao Correio, ressaltando a relevância do formato curta-metragem para a construção de seu legado.

Dois deles estão na plataforma

MUBI: "Boro In The Box" (2011) e "Living Still Life" (2012). Ele lançou um novo, "Petrouchka", no ano passado.

Revelado nas telas em 1998, ao dirigir "Le Cavalier Bleu", Mandico dialoga com as cartilhas das narrativas fantásticas a partir da influência que carrega dos quadrinhos europeus dos anos 1960 e 70. Nascido em março de 1977, em Toulouse, ele cresceu lendo a HQ "Métal Hurlant" ("Heavy Metal" no Brasil), gibi que nos revelou Moebius, Richard Corben e muitos outros talentos do desenho, pautados pela lisergia.

"Em tempos de cultura do ódio, a fábula é um caminho alternativo, que nos permite respirar pelos pulmões da estranheza, e perceber a intolerância que nos vendia", disse Mandico. "É essa a linha narrativa que eu sigo: desvelar interditos".

Ponte luso-brasileira para o cinema de autor

Faya Netto/Divulgação

Filmado em Lisboa por Tiago R. Santos, 'Última Noite' une talentos do Brasil e de Portugal numa trama que discute a violência contra a mulher

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

B atia uns 13 graus nos termômetros de Lisboa, sob um vento contínuo, quando "Última Noite" abriu seu set para uma vista do Correio da Manhã, compartilhando um clima de mistério digno de "Ascensor para o Cadafalso" (1958). A referência ao cult de Louis Malle (1932-1995) vem da elegância visual impressa num diálogo com as cartilhas do thriller e, sobretudo, da assinatura autoral de seu realizador, Tiago R. Santos.

Outrora crítico, consagrado no cinema português por seu histórico como roteirista (vide o sucesso "Call Girl", de 2007), o diretor de "Revolta" (2022) traz uma refinada cinefilia consigo ao construir uma história de acerto de contas que flagra a violência contra as mulheres. Malle é sempre uma alusão que se faz notar por quem mergulha em seus escritos ou em suas imagens.

"Este filme está cheio de referências cinematográficas, de 'Paris, Texas' a John Cassavetes, mas põe um espelho diante de Lisboa, para mostrar à cidade o que ela está a se tornar. Um reflexo retorcido expõe seu ridículo, a partir de uma Lisboa noturna, cosmopolita," explicou Tiago, que operou numa equação luso-brasileira de coprodução, envolvendo uma das mais respeitadas usinas de (boa) dramaturgia da Europa, a Fado Filmes, e a



A portuguesa Sara Tavares e o americano Sebastiano Pigazzi protagonizam o longa do realizador português

inteligência sul-americana da FM Produções, do carioca Fernando Muniz.

Preparando-se para lançar "Filhos do Mangue", que rendeu à cineasta Eliane Caffé o troféu Kikito de Melhor Direção em Gramado, em 2024, Muniz traz em seu currículo uma apoteose da diva espanhola Carmen Maura. Ela foi estrela de "Veneza" (2019), rodado por Miguel Falabella no Uruguai, que integra seu histórico de projetos como produtor. Participou ainda do único documentário nacional que conquistou o prêmio

L'Oeil d'Or do Festival de Cannes: "Cinema Novo", de Eryk Rocha, lançado em 2016.

"Muito feliz por ter terminado as filmagens de meu primeiro longa em Portugal, em coprodução com a prestigiosa Fado Filmes de Lisboa", diz Muniz, hoje radicado em Setúbal, a 40 minutos da capital lusa, onde toca múltiplos projetos. "A FM está negociando conteúdos brasileiros para canais portugueses. Acabo de fechar 'Filhos Do Mangue' e estou mandando uma lista com 10 outros títulos para avaliação".

O trabalho de Muniz sela um casamento de talentos artísticos e cálculos financeiros precisos que refina a relevância estética (e geopolítica) das coproduções internacionais. No set visitado pelo Correio, um casarão, ele tinha o olhar atento para cada detalhe de uma trama que ambiciona os festivais do Velho Mundo com suas reflexões sobre identidade e pertencimento.

"Solidão é o espaço entre aquilo que somos e a forma como as pessoas nos enxergam", dizia Tiago. "De certa forma, há perso-



Faya Netto/Divulgação

Set de filmagens de 'Última Noite'



Rodrigo Fonseca

Tiago R. Santos no set de filmagens de 'Última Noite'



Faya Netto/Divulgação

Set de filmagens de 'Última Noite'

nagens solitárias aqui”.

Segundo o cineasta, “Última Noite” fala de personagens que, na impossibilidade de voltarem à sua essência, buscam uma forma ideal para sem vistas da maneira como querem.

“Ou seja, falamos sobre performances”, explicou Tiago, quando tinha cerca de 40 minutos de seu longa filmados. “Quando trabalho como argumentista, sou motivado por desafios de terceiros, na direção do que precisam. Como realizador, gosto do diálogo não

só por aquilo que as pessoas estão a dizer, mas pelo que estão a esconder. As pessoas fogem das palavras em vez de as procurarem”.

No argumento de “Última Noite”, o jovem escritor americano Andrew (Sebastião Pigazzi) está às vésperas de regressar a Nova York, quando é confrontado por Sara (Teresa Tavares), uma artista plástica portuguesa que o acusa de um terrível crime.

“A verdade é corrompida pela memória”, explicou Teresa, definindo Sara como uma figura à beira de uma quebra, internamente,

tória em que a construção de identidade se dá a partir de um confronto com o outro”.

Visto há pouco na série “The Offer”, Pigazzi define Andrew como uma ilha.

“Todo artista é solitário, mas os escritores o são ainda mais. Tem algo duro nele, mas isso o torna humano”, diz o ator, de origem italiana. “Filmando em Lisboa, eu percebo em Portugal algo mais caloroso do que vejo em Nova York. É a ‘europeidade’ desta nação, que vem do oceano, que está na brisa. Nesse ambiente, eu tento buscar os lugares onde Andrew não se abre para ser ajudado”.

Na mistura que forma o elenco de “Última Noite” aparece o brasileiro Thiago Justino, que filmou “Comboio de Sal e Açúcar” (2016), em Moçambique, e “Bye Bye Amazônia” (2023), com Neville D’Almeida, na Ilha da Gigóia. Ele interpreta Wagner, vértice de exceção na geometria de mágoas entre Sara e Andrew.

“Como um homem negro, aos 65 anos, eu passo a ser um griot (um contador de histórias na tradição africana) que celebra a humanidade. É esse o valor de Wagner, que se vê longe de seu lar, em outro país”, diz Justino, elogiado em festivais por sua atuação no ainda inédito “Malês”, que escancara o crime do racismo. “Eu tenho uma carreira internacional. Filmo em Lisboa e já filmei em Moçambique. Estou no mundo. No Brasil, contudo, algo me incomoda. Na TV, no passado, você só via um negro por novela, e ele era sempre um empregado. Hoje você vê dez. Todos empregados. A televisão acha que isso é melhorar a nossa representatividade. Não é”.

Ao trazer um ator do talento (e da inquietação) de Justino para “Última Noite”, Tiago celebra a miscelânea de saberes de um intercâmbio entre nações.

“Não quero que este filme imponha a visão de um português. Trabalho sempre numa dinâmica do ‘Ajudem-me!’, a ouvir toda a equipe”, diz o cineasta. “Eles me trazem uma competência que eu não tenho”.

Ator de formação, com experiência como cantor de ópera na Itália, Muniz embarca agora na finalização de “Última Noite” ciente da importância de ter escolhido a “terrinha” como nova base de operações para sua arte.

“A Ancine e o Fundo Setorial do Audiovisual enxergaram finalmente o bom negócio que são as coproduções internacionais e isso reforçou a minha escolha e me deu os meios financeiros para empreender em Portugal”, diz o produtor, que divide com a Fado o futuro de “Última Noite” num empenho de consagrar Tiago como uma grife de autoridade. “Atencioso no set, ele é um brilhante roteirista. E o roteiro é o ponto de partida de todo bom projeto”.

conectada com a tese de Tiago sobre a força do verbo na narrativa fílmica. “Dizer uma palavra é tornar um sentimento real. Na acusação de um crime, Sara se põe de forma visceral”.

Destaque em filmes como “Cândido” (2024) e “A Terra Do Não Retorno” (2020), a atriz define “Última Noite” como uma Babel onde não há desencontros pela pluralidade de culturas no set e, sim, simbioses. “Existe um valor humano raro em cruzar talentos de cantos diferentes do planeta aqui, numa his-

ENTREVISTA / CAIO HOROWICZ, ATOR

'Todo trabalho é uma oportunidade de estudo'

Por Rodrigo Fonseca

Especial para o Correio da Manhã

Tem uma sessão por dia do imperdível "A Batalha Da Rua Maria Antônia" (troféu Redentor de Melhor Filme da Première Brasil 2023) no Rio, às 19h15 no Estação NET Botafogo. Sua mirada nevrálgica sobre a ditadura militar, construída pela diretora Vera Egito em forma de planos-sequência em P&B, pega fogo sempre que Caio Horowicz está em cena, no papel de um agitador cultural.

Aliás, os últimos filmes de maior impacto - sob a crítica e sob o público - do ator paulista de 29 anos falam de resquícios do governo de farda que tomou o país de 1964 a 1985. O tema inflama "Zé", de Rafael Conde, e o nosso ganhador do Oscar, "Ainda Estou Aqui", fenômeno de bilheteria de Walter Salles, hoje no Globoplay. Caio se destaca nos dois, assim como assaltava nosso olhar em seu longa-metragem de estreia, "Califórnia" (2015), de Marina Person. Em sua projeção na disputa nacional do Festival do Rio, há uma década, o Correio da Manhã sentou-se do lado do presidente do júri do evento, o diretor de fotografia e cineasta Walter Carvalho, e, a cada aparição daquele jovem astro, ouvia o titã da luz sussurrar: "Esse cara é bom! Ele vai longe!". Não por acaso, deu a Caio o prêmio de Melhor Coadjuvante.

Formado pela USP, "esse cara", Waltinho Carvalho, virou "O" cara, já fez onze filmes e segue bombando nas telonas. Na entrevista a seguir, ele explica o que tirou de sua imersão nos Anos de Chumbo.

De que maneira a sua participação em diferentes filmes sobre a ditadura ampliou seu olhar sobre os 21 anos de regime militar no país?

Caio Horowicz: Todo trabalho é uma oportunidade de estudo. O "Zé", "Ainda Estou Aqui" e "A Batalha da Rua Maria Antônia" foram oportunidades de estudar, de pesquisar sobre esse período que foi tão fundamental, tão fundante na nossa História, tão traumático: a ditadura militar. São três filmes primos, com perspectivas um pouco distintas sobre o período. "Zé" e o "Ainda Es-



Maju Magalhães

tuou Aqui" têm uma característica um pouco mais próxima, por retratar a história de uma família que é privada de viver com um ente querido, por conta da perseguição política. Já "A Batalha da Rua Maria Antônia" coloca o olhar sob o movimento estudantil e a repressão que ele sofria em um momento de virada, que era 1968, quando os movimentos de contracultura no mundo estavam efervescendo. O Brasil estava vindo na onda. A Maria Antônia era um centro de efervescência política e cultural da juventude de SP e do Brasil. Passaram por ali pessoas como Milton Nascimento e Chico Buarque, tocando nos bares da região. Tinha a faculdade de Filosofia e Le-

tras da USP, tinha o Mackenzie, tinha a FAU. A Faculdade de Medicina ficava próxima. Era um centro onde estava sendo produzido pensamento político, pensamento cultural e a mobilização da juventude que sonhava com um futuro diferente pro país e pro mundo. Eu aprendi muito nesse processo.

O quê, por exemplo?

Aprendi que o processo da ditadura era tirar os estudantes do centro de São Paulo. Não à toa, depois da invasão da Faculdade de Filosofia e Letras, pela polícia e pelos estudantes do Mackenzie, surgiu a ideia de fazer a Cidade Universitária no Butantã, isolada

do Centro. Era a forma para que a mobilização estudantil estivesse longe da população comum da cidade, sem representar nenhum perigo para o governo da ditadura. O projeto do Brasil sempre foi esse, né? Acordos e golpes e anistia.

De que maneira o processo com Marina Person em "Califórnia", há exatos 10 anos, talhou teu olhar para os encontros que teve depois com diretores de veio autoral?

Eu tive o privilégio de trabalhar com a Marina no meu primeiro trabalho de um longa, né? "Califórnia" foi um filme autoral, uma história muito preciosa pra Marina, e era uma direção que estava muito próxima dos atores. A Marina era uma diretora muito aberta, muito parceira, não à toa, somos melhores amigos hoje, depois de dez anos. Dali veio o termômetro de ter atuação como uma das prioridades do trabalho. Isso virou um parâmetro pra mim.

"A Batalha da Rua Maria Antônia" tira o fôlego das plateias com seu engenho narrativo. Como foi o trabalho com as/ colegas em relação ao procedimento do plano-sequência?

A gente ensaiou muito esse filme. Foi, mais ou menos, um mês de ensaio. A Vera conseguiu montar um grupo de teatro para esse filme. No sentido de que a gente virou um coletivo muito azeitado, a gente se conhecia muito, conhecia muito o roteiro, a história, as personagens, o mapa do espaço que a gente ia filmar - o que era muito importante para o plano-sequência. Dois dias antes da filmagem, fomos para o set, que era na Secretaria de Justiça de SP, do lado do Pátio do Colégio, e o prédio era só pra gente. Ensaíamos com câmeras, equipe e figuração por dois dias e gravou tudo em duas semanas, o que é raro para o cinema.

Quais serão seus novos trabalhos nas telas?

Eu tenho "Isabel", que é um filme que gravei com a Marina Person e é dirigido pelo Gabe Klinger. O filme conta a história de uma sommelier de vinhos naturais que abre seu próprio bar de vinhos e vai se afundando num buraco e levando algumas pessoas com ela. Também tem o filme "O Rei da Internet", dirigido pelo Fabrício Bittar. Conta a história de um hacker brasileiro chamado Daniel Nascimento, e eu faço o amigo dele, o João. Tem outros projetos sobre os quais ainda não posso falar.

Rafael Mollica/Divulgação



Inspirada na receita campeã, veja um roteiro de pizzas com camarão

Ricardo Wrobel/Divulgação



O chef Sei Shiroma teve sua pizza (ao lado) eleita no 50 Top Pizza

Scampi:

a pizza de camarão que conquistou a América Latina saindo do forno carioca

Por **Natasha Sobrinho (@restaurants_to_love)** Especial para o Correio da Manhã

Entre tantas combinações possíveis sobre uma massa, molho e queijo, a pizza de camarão sempre foi uma escolha ousada — e quando feita com técnica e intenção, pode ser uma obra-prima. Foi o que provou a Scampi, pizza da Ferro e Farinha, criada pelo chef Sei Shiroma, eleita recentemente a melhor pizza de 2025 da América Latina, pelo guia internacional 50 Top Pizza. Ela é feita com camarão, creme de alho, mozzarella, molho de tomate, salsinha, cebola e basílico e assada no forno a lenha. Inspirada na receita campeã, veja um roteiro de redondas que tem o camarão como ingrediente principal:

Divulgação



Puli Trattoria

HOUSE FORNERIA - Preparadas com massa aerada e farinha italiana 00 de longa fermentação, as redondas gourmet são as estrelas do cardápio da rede de pizzarias carioca. Entre os destaques da casa, está a Pizza de Camarão com Catupiry (a partir de R\$98). Uma pizza feita com molho de tomate pelati, mozzarella, camarão puxado no azeite e alho, catupiry e orégano. Rua Miguel Lemos, 99 – Copacabana. Tel: (21) (21) 2042-4930.

Divulgação



House Forneria

Divulgação



Oliver's Pizza

Tomás Vélez/Divulgação



Oggi

Divulgação



Broto

FERRO E FARINHA - Além da 4ª colocação no ranking do 50 Top Pizza América Latina, a casa também recebeu o prêmio de “Pizza do Ano” pelo seu elogiado sabor Scampi, de camarão (R\$ 67). Ela é inspirada no clássico italo-americano “shrimp scampi”, uma receita simples, de camarões salteados em um molho de manteiga e na criação da casa leva camarões, creme de alho, mozzarella,

molho de tomate, salsinha, cebola e basílico, tudo finalizado na lenha. Rua Maria Quitéria, 107 – Ipanema. Tel: (21) 97214-0460.

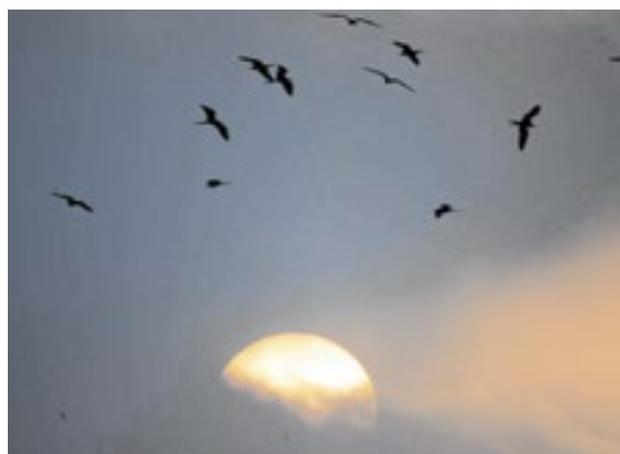
OGGI - Entre as pizzas napolitanas da pizzeria o comensal pode encontrar a combinação de Gamberi e Pancetta (R\$89). Ela é feita com pesto, fior di latte, pancetta, camarão, molho pingado e parmesão. Rua Aristides

Espínola, 101 – Leblon. Tel: (21) 3489-9169.

PULI - Novidade na Gávea, a trattoria oferece em seu cardápio a Pizza Il Gambero (R\$ 58). Na receita leva molho de tomate italiano, mozzarella, camarão salteado com alho poró e catupiry, na massa de longa fermentação. Rua Marquês de São Vicente, 90 (Villa 90) – Gávea. Tele: (21) 3851-7373.

BROTO - O chef João Diamante lançou em parceria com a pizzaria um sabor especial de redonda, a Rainha do Mar (R\$ 75). Ela leva camarão, queijo cremoso, alho poró, acompanha um molho vinagrete e é finalizada com coentro. E o melhor, a cada pizza comprada o cliente estará ajudando o Diamantes na Cozinha, projeto social de João Diamante que utiliza a gastronomia como ferramenta de transformação. Rua Major Ávila, 456. Telefone e whatsapp: (21) 3795-5551.

OLIVER'S - Entre os sabores de redondas da pizzaria está uma combinação que não tem erro: a Pizza de Camarão com Catupiry (R\$ 48 - 30cm). Ela é coberta com molho de tomate, mozzarella, camarão, alho poró e catupiry. Av. Nuta James, 65 - Barra da Tijuca. Tel: (21) 99899-5452.



...O retorno

Estranhamente o que, antes da pandemia, era evento pontual e isolado, hoje parece ser tônica: retornar um ‘chamamento’.

Talvez o ‘à flor da pele’ tenha intensificado esta prática, ou melhor, a falta dela. Considerando que, o, já não tão comum, home office acabou por fazer com que as pessoas disponibilizem mais tempo online, profissionalmente falando é claro, não se justificam os ‘buracos negros’ e ‘limbos’ abandonados. Um vazio de desatenção infundável; total abandono.

São comunicações de toda ordem – profissionais, pessoais, de felicitações..., por todos os meios que levam à uma

estrofe de Ferreira Gullar, em “Cantiga pra não morrer”: “... Por tanta coisa que leve / Já viva em seu pensamento... / ...Me leve no esquecimento...”. Parece que a expressão de ordem, em tempos atuais, está entre Bob Marley e Gil “...Nas recordações retratos de um mal em si / Melhor é deixar pra trás...”.

E ficam. Ficam a falta de soluções, respostas, agradecimentos, decisões, contrapartidas, o tudo e o nada... o primordial fica para trás, encoberto pela cortina chamada ‘véu do descaso’.

Não que as respostas tenham que ser de bate-pronto, não tem relação com imediatismos. A questão é mais profunda e, com certeza, bem mais complexa. Levanta teses se há, no canhoneio diário que passamos a receber, uma autoproteção, ainda que de forma subliminar, para uma “Escolha de Sofia”, do que será ou merece ser respondido. Talvez, o medo insano que temos em dizer ‘não’.

Por outro lado, as velhas ‘palavrinhas mágicas’, que tanto apregoamos aos nossos filhos, quiçá, netos, caem por terra. Onde foram parar os ‘obrigados’, ‘desculpes’ e ‘por favores’? Onde se esconderam os ‘tudo bens’, ‘olás’, ‘bom-dias’, ‘boa-tardes’ e ‘boa-noites’? Perderam-se na poeira das nuvens? Nos abismos tecnológicos? Nas abissais do esquecimento? Se uma mensagem foi enviada é porque alguém se importa com outrem.

Talvez o mundo, diante do inesperado de tempos sombrios, tenha mudado seus conceitos. Talvez hoje seja mais importante discutir as futilidades da internet ou, quem sabe, as fofocas ‘do mercado’ a responder uma mensagem com um simples polegar erguido.

É, o mundo mudou...
...para pior!

Um sentido para a vida

Romance de André Giusti narra crise existencial de escritor e jornalista

Por Mayariane Castro

O romance “Só Vale a Pena se Houver Encanto”, do escritor e jornalista André Giusti, retrata a trajetória de Alessandro Romani, também jornalista e escritor, que atua como protagonista e narrador da obra. Primeiro romance de Giusti, premiado contista, o livro percorre a crise existencial de um homem de meia-idade em busca de um sentido para viver. A narrativa se desenvolve em meio a eventos da vida pessoal do personagem e ao contexto político brasileiro entre 2002 e 2016.

O livro, com 360 páginas, teve seu processo de escrita iniciado onze anos antes do lançamento.

Ele marca o 11º título da carreira de Giusti e sucede “As Filhas Moravam com Ele”, coletâ-



Divulgação

Giusti: angústias existenciais no primeiro romance

Trechos marcantes da política

Impeachment de Dilma e eleição de Lula no pano de fundo

O personagem, embora atue no jornalismo e na literatura, não conduz a narrativa sobre esses universos. Seu percurso é impulsionado pela busca por um sentido que vá além das obrigações cotidianas e financeiras. A história problematiza o papel do indivíduo na sociedade e a função do trabalho na vida moderna, colocando em discussão temas como envelhecimento, paternidade, frustração e desencanto com as instituições sociais.

A ambientação da obra in-

clui acontecimentos marcantes da política brasileira, como a eleição de Luiz Inácio Lula da Silva em 2002 e o impeachment de Dilma Rousseff em 2016. Esses fatos servem como pano de fundo para os dilemas individuais de Romani, evidenciando a interação entre o ambiente externo e os conflitos internos do protagonista.

O romance trabalha com elementos da autoficção, gênero em que o autor mistura experiências próprias com elementos ficcio-



Divulgação

A obra faz parte do catálogo da editora Caos e Letras

nais. A construção da narrativa mescla linguagem coloquial e passagens introspectivas, e propõe reflexões sobre escolhas pessoais e o impacto do tempo nas relações humanas.

A obra também se debruça sobre a desconstrução de padrões de masculinidade e os desafios emocionais vividos na maturidade.

Contrapontos

Ao longo do livro, Romani mantém encontros com mulheres que contrastam com as figuras femininas comumente retratadas na literatura nacional. Entre elas estão uma coach, uma militar e uma espiritualista. São contrapontos às buscas e dúvidas do personagem central.

O romance propõe uma re-

nea de contos que levou o autor à semifinal do Prêmio Oceanos 2024. A publicação foi feita pela editora Caos e Letras.

Romani se vê como uma peça descartável em redações de veículos de comunicação e tenta conciliar a vida profissional com o fim de seu casamento, a relação com as três filhas e encontros com mulheres com diferentes visões de mundo.

Perdas

Em seu cotidiano, lida com perdas familiares, demissões, divórcio e questões ligadas à saúde emocional. Essas experiências são apresentadas em primeira pessoa, o que confere à narrativa um tom confessional e subjetivo, aproximando o leitor da perspectiva do protagonista.

apresentação de uma geração que cresceu com a promessa de um futuro estável e se vê diante de frustrações e incertezas.

A linguagem adotada por Giusti alterna entre trechos objetivos e momentos poéticos. Frases do tipo “dentro da minha cabeça, a palavra câncer se repetia feito chuveiro pingando no meio da noite” e “a meia-idade começou a me parecer uma imensa cidade triste de esquinas vazias” são exemplos de como o autor conduz o tom emocional da narrativa, sem abrir mão de fluidez e clareza.

A relação de Romani com o jornalismo é marcada por frustração e desencanto. O personagem se vê afetado pelas transformações no mercado de comunicação, pela precarização do trabalho e pelo avanço das redes sociais como meio de disseminação de informações.

A obra integra o catálogo da editora Caos e Letras.

PROJETO

Museu de Arte em festa

*O Museu de Arte de Brasília (MAB) promove programação especial nos dias 19, 20 e 21 de abril para celebrar os 65 anos da capital. Oficinas, contação de histórias, teatro de luz e sombra e visitas mediadas integram as atividades gratuitas do MAB Educativo. O destaque é a mediação "Linhas que Contam Histórias", com caminhada, visita à Concha Acústica e piquenique.

Residências artísticas no DF

*O projeto Cria Corpo promove cinco residências artísticas entre maio e julho no DF, com foco em dança, performance e práticas corporais. As atividades são gratuitas e voltadas a pessoas com ou sem formação artística. A proposta valoriza o processo criativo mais do que o resultado final. A primeira residência, com Vitor Hamamoto, tem inscrições de 20 a 26 de abril.

TEATRO

Espectáculo "2 mundos"

*O espetáculo 2 Mundos, da Companhia Lumiato, reflete sobre a colonização da América e seus impactos atuais. Com sessões gratuitas nos dias 25 e 26/4 (Teatro Paulo Gracindo, Gama) e 9 e 10/5 (Teatro Newton Rossi, Ceilândia), a peça usa teatro de sombras e cubismo para narrar o confronto entre culturas, sem uso de palavras. Idealizado por Soledad Garcia e Thiago Bresani, integra também um projeto de formação de plateia com oficinas.

O Cravo e a Rosa

*Paloma Bernardi e Marcelo Faria vivem Catarina e Petruccio na comédia romântica "O Cravo e a Rosa", com elenco de peso e direção de Pedro Vasconcelos. A peça chega a Brasília nos dias 25, 26 e 27 de abril, no Teatro Unip, com produção da FV Produções, Grupo Globo e Deca Produções. Ambientada na São Paulo dos anos 1920, a trama mistura humor, romance e crítica social, abordando temas como o voto feminino e a igualdade de gênero. Patrocinada pela Brasíliacap via Lei Rouanet, a montagem retoma o clássico de Walcyr Carrasco, inspirado em Shakespeare, com sessões repletas de emoção e acessibilidade ao público. Ingressos a partir de R\$ 75,00. Não recomendado para menores de 10 anos.



Museu de Arte de Brasília celebra o aniversário da capital

Um DF de opções de lazer

Confira atrações culturais em todas as regiões da cidade

POR: REYNALDO RODRIGUES / CORREIOCULTURALDF@GMAIL.COM

Antônio Filho



"O Cravo e a Rosa", da TV para o teatro

Curso teatral gratuito

*A partir de 22 de abril, Taguatinga recebe a 2ª edição do projeto Taguá em Cena, oficina teatral gratuita idealizada pelo ator e diretor André Araújo. Com quatro meses de duração, as aulas acontecem às terças e quintas, das 19h às 22h, no Centro Cultural RIA. São 25 vagas para maiores de 15 anos. As inscrições vão até o dia 22. O curso busca ampliar o acesso ao teatro, desenvolver habilidades como comunicação e leitura, e promover saúde integral.

CINEMA

Brasília no Cinema

*Em comemoração ao aniversário de Brasília, o Cine Brasília apresenta mostra gratuita Brasília em Cena,

Divulgação



Via Sacra de São Sebastião celebra fé

Divulgação



Curso teatral gratuito em Taguatinga

Divulgação



Ação no Cine Brasília

reunindo 13 filmes que têm a cidade como protagonista. As sessões ocorrem de 19 a 21 de abril, com entrada por ordem de chegada. A programação inclui longas como Manual do Herói, Branco Sai, Preto Fica, Somos Tão Jovens e o documentário Democracia em Vertigem, além de curtas e sessões acessíveis. No dia 22, às 20h, o cinema comemora seu próprio aniversário com a exibição de Psicose, de Hitchcock, em versão restaurada.

Via Sacra

Via Sacra de São Sebastião

*Nesta Sexta-feira Santa, 18 de abril, o Morro Bela Vista, em São Sebastião, recebe a 33ª Via Sacra, encenada pelo Instituto Chinelo de Couro. O evento

Divulgação



Bonfinópolis recebe a Exposição

Divulgação



"Brasília – Da Utopia à Capital"

gratuito une fé, arte e comunidade em torno da Paixão de Cristo. A programação inclui a Celebração do Beijo da Cruz, às 15h, e a encenação principal, às 17h30. Com mais de 170 envolvidos, a montagem conta com jovens da região e promove inclusão e cidadania.

FESTA

Ocupa BSB 65

*Prepare-se para um feriado repleto de cultura, arte e sabor! O "Super Quadra Viva" faz parte da programação do "Ocupa BSB 65" que acontecerá durante todo o feriado, oferecendo uma experiência única que valoriza os estabelecimentos locais e promove a interação entre a comunidade. Nesta sexta-feira (18), é a vez da Superquadra Norte 215

e 216, conhecida carinhosamente pelos brasilienses como "Ponta Norte" ou "baixo Asa Norte", receber um dia repleto de atividades. A programação começa às 9h com a oficina do coletivo Bordas de Luta, seguida por uma revigorante aula de yoga às 9h30. Às 10h, a Maldita Geni traz um encontro de joalheiras, enquanto a Prefeitura da 216 Norte organiza uma gincana para as mães às 10h30. A partir das 11h, a Creativus e a Creperia Oui Oui promovem uma roda de conversa sobre criatividade e o brincar, e às 11h30, o Bem QT Quis sediará a feira Mapas de Afeto, além do lançamento do livro "Ipês não são domésticáveis" da jornalista Waleska Barbosa.

EXPOSIÇÃO

Frequências Urbanas

*Após 10 anos da bem-sucedida exposição 'Street Art - Um Panorama Urbano', a CAIXA Cultural revisita a cena global da arte urbana com o projeto 'Frequências Urbanas – uma voz única no diálogo coletivo', em exposição de abril a julho de 2025 em Brasília. A arte urbana, ou street art, é uma das principais formas de expressão visual no mundo, e a mostra reúne artistas renomados de diversas culturas, como brasileira, francesa, congoleza e norte-americana, promovendo intercâmbio cultural e reflexão sobre temas como identidade, resistência e desigualdade social.

"Brasília – Da Utopia à Capital"

*Depois de passar por 15 cidades na Europa, Ásia e América do Sul, a exposição "Brasília – Da Utopia à Capital" chega a Marselha, França, como parte do Ano do Brasil na França e dos 65 anos de Brasília. Com curadoria de Danielle Athayde, a mostra será aberta no dia 19 de abril na Galerie Kollectiv 313, localizada no Cité Radieuse, projeto modernista de Le Corbusier. A exposição apresenta cerca de 300 obras, incluindo maquetes de Oscar Niemeyer, desenhos do plano urbanístico de Lúcio Costa e esculturas de artistas como Maria Martins e Alfredo Ceschiatti, além de fotos de Marcel Gautherot e Mario Fontenelle. A Coleção Brasília, formada pelos pioneiros Izoete e Domício Pereira, destaca o espírito modernista das décadas de 1950 e 1960. A curadoria propõe também uma reflexão sobre a arte contemporânea da cidade.

Arte nos muros do Sol

Exposição ao ar livre reúne mais de 100 artistas a céu aberto

Por Mayariane Castro

Entre os dias 13 e 21 de abril, o Sol Nascente, região administrativa do Distrito Federal que já foi considerada a maior favela do Brasil, recebe a exposição de arte urbana “Circuito Arte Não é Privilégio”. A mostra a céu aberto ocupará aproximadamente mil metros quadrados de muros, paredes e construções da comunidade, com obras de mais de 100 artistas.

A ação marca o aniversário de 65 anos de Brasília, comemorado no dia 21 de abril, e faz parte de um projeto nacional, idealizado pelo produtor cultural Kleber Pagu.

Arte na periferia

O projeto é uma iniciativa do Céu – Museu de Arte a Céu Aber-

to, e tem como objetivo transformar áreas periféricas e regiões centrais degradadas de todas as 27 capitais brasileiras em espaços públicos com obras de arte urbana.

Durante a semana que antecede o aniversário da cidade, os artistas participantes executam suas obras em campo de futebol e construções do entorno, transformando o espaço em uma galeria ao ar livre. Segundo os organizadores, as obras são inspiradas no cotidiano, nas vivências e nas perspectivas dos moradores do Sol Nascente.

O projeto conta com a articulação local de Gilmar Satão e Andréia Santos, que participaram de oficinas formativas realizadas em novembro de 2023 na sede da Fundação Nacional de Artes (Funarte), em São Paulo.

Projeto torna a periferia o centro

Ações semelhantes acontecerão em outras cidades do país

A exposição em Brasília é um desdobramento da primeira fase do circuito, vinculada ao “Circuito Funarte de Artes Visuais Marcantonio Vilaça 2023”. Ao longo de 2024, o projeto prevê ainda ações semelhantes em Salvador (BA) e Belém (PA).

Além da ocupação artística na região do Sol Nascente, o circuito marcou presença em outros dois marcos da capital federal. Um deles é o Acampamento Terra Livre (ATL), a maior mobilização indígena do país, que

ocorre anualmente em Brasília. O outro é o próprio aniversário da cidade, com programação estendida que inclui oficinas, debates e intervenções visuais em diferentes pontos da cidade.

A proposta do circuito é mobilizar artistas, educadores e moradores em torno de ações coletivas que envolvem arte, memória e território. A atuação dos artistas é acompanhada por processos educativos que compartilham metodologias e experiências. Participam desta etapa os



Muros do Sol Nascente virarão obras de arte



Ideia do projeto é levar arte à periferia

arte-educadores Frederico Day e Daniel Medeiros, conhecidos como Ninguém Dormi e Boleta, integrantes do coletivo Local Studio, com atuação no Beco do Batman, em São Paulo.

As atividades no Sol Nascente incluem não apenas a criação das obras visuais, mas também ações formativas e encontros com a comunidade. De acordo

com os organizadores, o foco é incentivar a troca de saberes e o envolvimento direto da população local nos processos de criação artística. A escolha do Sol Nascente como espaço expositivo reflete o objetivo do projeto de descentralizar a produção e circulação de arte, promovendo o acesso em territórios tradicionalmente excluídos dos circuitos

culturais formais. A proposta do Museu Céu, criado por Kleber Pagu, prevê transformar as cidades em plataformas de exibição e interação artística permanente, valorizando contextos urbanos muitas vezes invisibilizados.

A programação conta com participação de artistas visuais, grafiteiros, ilustradores, muralistas e outros agentes culturais que atuam nas periferias do Distrito Federal. Os organizadores destacam que o protagonismo é de artistas locais, com foco na representação visual de temas relacionados à identidade, à resistência e à vida nas comunidades.

O circuito busca consolidar-se como política pública de fomento à arte urbana. A partir da ocupação de espaços públicos e da realização de oficinas, a iniciativa propõe discutir questões como o direito à cidade, o pertencimento territorial e o papel da arte como agente de transformação social.

Divulgação

Divulgação

Correio da Manhã

Brasília, Sexta-feira, 18 a segunda-feira, 21 de Abril de 2025 - Ano CXXIII - Nº 24.751

Da redação ao livro: jornalista lança romance

PÁGINA 5



Arte ocupa Sol Nascente no niver de Brasília

PÁGINA 15



“O Cravo e a Rosa”, da TV para o teatro com Marcelo Faria

PÁGINAS 8 E 9



2º CADERNO

EDIÇÃO DE FIM DE SEMANA



Divulgação

Velha guarda à cubana

Com músicos do projeto original e novos integrantes, Buena Vista Social Orchestra celebra o legado do Buena Vista Social Club em turnê internacional que chega ao Rio nesta sexta

Por **Affonso Nunes**

A Buena Vista Social Orchestra se apresenta neste feriado de sexta-feira (18) no Circo Voador. O grupo reúne músicos cubanos contemporâneos e integrantes originais do Buena Vista Social Club, sob a regência do maestro e trombonista Jesús “Aguaje” Ramos. O espetáculo, com ingressos rapidamente

esgotados, faz parte da turnê internacional que o grupo realiza em 2025. Após apresentações no Brasil, incluindo datas em Recife, Salvador e São Paulo, a orquestra segue para os Estados Unidos, onde tem agenda confirmada entre agosto e outubro em cidades como Kansas City, Seattle e Las Vegas.

A turnê celebra o legado do Buena Vista Social Club, projeto que alcançou reconhecimento mundial com o álbum homônimo lançado em 1997. Produzido por Ry Cooder e Juan de Marcos González, o disco reuniu

veteranos da música tradicional cubana e inspirou o documentário dirigido por Wim Wenders, indicado ao Oscar em 2000. O sucesso global consolidou o nome Buena Vista como referência em gêneros da ilha caribenha como son, bolero e danzón.

A formação atual conta com uma orquestra de dez músicos, incluindo os também ex-integrantes do Buena Vista Social Club Luis “Betun” Mariano Valiente Marin (congas, bongô), Emilio Senon Morales Ruiz (piano) e Fabían Garcia (baixo).

No repertório, clássicos da música cubana como “Chan Chan”, “Dos Gardenias” e “El Cuarto de Tula” são revisitados com arranjos que mantêm a identidade sonora do grupo que conquistou merecido reconhecimento internacional.

SERVIÇO

BUENA VISTA SOCIAL ORCHESTRA
Circo Voador (Rua dos Arcos s/nº - Lapa) | 18/4, a partir das 20h (abertura dos portões) | Ingressos esgotados